

O BRASILTEM PRESIDENTA



Duas vezes, já, recebi um e-mail portador de um texto sem identificação de autoria (por que será que o(a) autor(a) não quis identificar-se?), debochando da palavra *presidenta*, assim, no feminino, como faz questão de falar Sua Excelência nossa Presidenta Dilma Rousseff.

O e-mail vem encaminhado com o assunto – *Um pouco de bom Português... vale a pena ler*. E o texto vem precedido dos seguintes dizeres: *Uma verdadeira aula de português, muito didática, e com um final irônico e bem humorado*.

É o caso típico do besteiro que circula na rede, com ares de coisa que presta, só porque está na rede, porque usa as tecnologias da informática, está na moda, tem prestígio, não é dito em sala de aula etc. etc. Bobagem. Não se deixe enganar, caro leitor.

Vamos à análise do assunto: o(a) tal anônimo(a) brinca com a forma de feminino *presidenta*, negando-lhe existência. Ora, o que dá existência às palavras das línguas são os usos pelos falantes, sejam usos contemporâneos ou não. E o sufixo *-enta* já teve vida mais agitada nos usos do português do que tem atualmente, mas sobrevive nas palavras *parenta*, *infanta*, *hóspeda* e... *presidenta!*

E onde está registrado o léxico em uso numa língua? No *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (o VOLP da ABL) e nos dicionários! E ... lá estão essas palavras, no VOLP e nos abonadíssimos *Aurélio* e *Houaiss* (para restringir nossa pesquisa aos mais populares de nossos dicionários modernos). Encontra-se nesses registros: *presidenta* é substantivo feminino; designa a mulher que exerce a presidência de um país.

Um pouco de gramática histórica ajudaria o crítico de *presidenta* a entender melhor o fenômeno linguístico que ele achincalha. Tratando da flexão dos nomes da 3ª declinação clássica, Ismael de Lima Coutinho¹ nos ensina que alguns desses nomes passaram à 1ª declinação, no latim vulgar. Por exemplo, a que é, no português de hoje, a palavra *neta*, era, no latim clássico, *nepte*, passando, no vulgar, a *nepta*. E completa com este comentário: “Pela necessidade de distinguir o sexo, admitiram, com o tempo, a terminação –a, em português, os seguintes: *infanta*, *parenta*, *freira*, *juíza*, *hóspeda*, *senhora*”. Nomes que foram outrora uniformes (isto é, não tinham flexão de feminino) ganharam, sim, desinência de feminino, em –a! Artes da analogia.

Pois é... Por essas e outras, vê-se como é prudente o sujeito refletir, pesquisar antes de “soltar” na rede de computadores o que lhe vem à cabeça, motivado por sabe-se lá que sentimentos... O texto é uma perda de tempo, um desserviço aos desavisados. Não é nem de longe uma aula de português, muito menos de bom português.

Acredite, caro leitor. *Presidenta* não só existe como está aí para fixar-se nos usos e costumes linguísticos dos brasileiros. E que mordam a língua os contrariados ... e as contrariadas!!!

Profª Drª Eliana Magrini Fochi

¹ COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6.ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967, p. 234.